



AS TRÊS DEFINIÇÕES DE ALMA SEGUNDO A PSICOLOGIA DE ARISTÓTELES E SANTO TOMÁS DE AQUINO

Willian Kalinowski

THE THREE DEFINITIONS OF SOUL ACCORDING TO THE
PSYCHOLOGY OF ARISTOTLE AND SAINT THOMAS AQUINO



Resumo: Tendo como fundamento obras clássicas como o *De Anima* de Aristóteles, a *Summa Theologiae* e *Questiones Disputatae de Anima* de Santo Tomás de Aquino, nosso estudo busca resgatar a filosofia da alma, da vida - a verdadeira filosofia - que sustenta uma verdadeira “*psicologia profunda*”, ou seja, apresentaremos reflexões e algumas definições que vão levar o leitor e o estudante até a compreensão da natureza da alma humana. Ponto de partida para a psicologia, para a antropologia, para a pedagogia, etc. A partir da doutrina psicológica de Aristóteles e de Santo Tomás de

Aquino, pretendemos apresentar as três definições que explicam o que significa a alma (*Psyché-Anima*). A principal intenção deste trabalho é mostrar a *substancial* importância da compreensão do *quid* (o que é) da alma para a compreensão da vida de modo geral, mas, sobretudo, da vida humana, pois, não há vida sem alma. Uma psicologia que não estuda a alma em suas profundezas filosóficas - também teológicas - não pode compreender o homem em sua verdadeira natureza. *Pensar, querer, sentir, se locomover e apetecer, na ordem material ou na ordem espiritual, são operações que atestam a existência de um princípio substancial. Que princípio é esse? A alma.*

Palavras-chave: Alma; Vida; Movimento; Psicologia tomista; Intelecto.

Abstract: Based on classic works such as *De Anima* by Aristotle, *Summa Theologiae* and *Questiones Disputatae de Anima* by Saint Thomas Aquinas, our study seeks to rescue the philosophy of the soul, of life - the true philosophy - that supports a true “deep psychology”, that is, we will present reflections and some definitions that will lead the reader and student to understand the nature of the human soul. Starting point for psychology, anthropology, pedagogy, etc. Based on the psychological doctrine of Aristotle and Saint Thomas Aquinas, we intend to present the three definitions that explain what the soul (*Psyché-Anima*) means. The main intention of this work is to show the substantial importance of understanding the *quid* (what it is) of the soul for understanding life in general, but, above all, human life, as there is no life without a soul. A psychology that does not study the soul in its philosophical - also theological - depths cannot understand man in his true nature. *Thinking, wanting, feeling, moving and desiring, in the material or spiritual order, are operations that attest to the existence of a substantial principle. What principle is this? The soul.*

Keywords: Soul; Life; Movement; Thomistic psychology; Intellect.



Introdução

A teoria da alma aristotélica-tomista fundamenta uma concepção do homem que praticamente foi esquecida na era moderna e negada conscientemente em nossa era contemporânea,²⁸⁹ pois estamos em tempos em que se faz “*psicologia sem alma*”. Fala-se abundantemente das capacidades e habilidades, fenômenos, das ações, dos costumes e das escolhas, e daquilo que cada um diz ou define para si mesmo. Todavia, existe um esquecimento proposital daquilo que é substancial no homem, daquilo que o define enquanto tal. Hoje, define-se o homem não segundo sua natureza - animal racional -, mas segundo os desejos, vontades ou pensamentos do indivíduo ou de alguma “sociedade iluminada”.

Nosso estudo busca resgatar essa filosofia da alma, a verdadeira filosofia que fundamenta uma verdadeira “*psicologia profunda*”,²⁹⁰ ou seja, apresentamos uma reflexão e algumas definições que vão levar o leitor e o estudante a compreensão da natureza da alma humana, como ponto de partida para a psicologia, para a antropologia, para a pedagogia, etc.

Há que se considerar que, para os filósofos gregos clássicos, tanto os pré-socráticos, como os filósofos que iluminaram o período

289. Pois, em nossos tempos, a psicologia não estuda mais a alma. Nomes foram trocados e hoje se estuda tudo: comportamentos, cognição, doenças mentais, partes remotas e incertas do cérebro, mas a alma foi deixada de lado – para que a ciência, ou um ideal dela, fosse concretizado.

290. Historicamente, *psicologia profunda*, ou psicologia de profundidade, psicologia do profundo ou das profundezas foi cunhada por Eugen Bleuler para se referir a abordagens psicanalíticas da terapia e da pesquisa que levam em conta o inconsciente. O termo foi rapidamente aceito no ano de sua proposta por Sigmund Freud, para cobrir uma visão topográfica da mente em termos de diferentes sistemas psíquicos.

clássico, quatro problemas principais sobre a alma se apresentavam para a discussão:

- 1) *Sobre a origem da alma. De onde vem a alma?*
- 2) *Qual a natureza própria, profunda, íntima da alma humana?*
- 3) *Quais são as operações próprias da nossa alma?*

*E o 4) problema, e não menos importante, sobre o destino da alma humana. A alma humana é imortal? Para o que existe a alma humana?*²⁹¹

Neste estudo analisaremos o segundo desses problemas, ou seja, o que é a alma humana, qual é a essência ou quididade da alma humana.

É importante termos em mente que, ao tratarmos do que é o homem, saber o que é a alma humana, é o pontapé inicial para descobrirmos realmente o que é o ente humano, o que é a pessoa humana, pois o fundamento básico, tanto do homem, quanto da pessoa individual, é a alma. Este é “o primeiro princípio da vida” (ST, I, q. 75, a. 1, resp.), o fundamento da vida humana. É importante que nós estejamos atentos a essa questão.



1. Se a alma existe

Há que se considerar um problema inquietante: a alma existe ou não existe? Uma resposta afirmativa permitirá à nossa inteligência perguntar e descobrir que é (*an sit*) e o que é (*quid est*), uma resposta negativa colocará fim em nossa investigação.

291. Para uma análise histórica desses problemas e das soluções dadas para esses problemas, convém ler o Livro 1 do *De anima* de Aristóteles.



A alma humana e a sua existência são um grande mistério. A existência da alma humana e a sua natureza não são noções evidentes, que conhecemos de maneira imediata, como que “o todo é maior que a parte” (*ST*, I-II, q. 57, a. 2, resp.) e os primeiros princípios especulativos, mas podem ser *demonstradas* pela razão e ciência humana.

Como podemos demonstrar a existência da alma humana? Há que se saber que conhecemos a existência da alma e a sua natureza a partir de suas *operações*, de suas obras, de suas ações. Em outras palavras, conhecemos a existência da alma a partir de seus efeitos. A demonstração da existência da alma humana é uma demonstração de tipo *a posteriori*. Utilizando-se da observação dos efeitos se chega a uma causa. Pela observação das operações da alma, se chega à alma como sujeito e substrato dessas operações. Por exemplo: *pensar, querer, sentir, se locomover e apetecer, são operações que atestam a existência de um princípio substancial, que é algo concreto e que subsiste por si mesmo*, como ensina o nosso Doutor, na primeira questão de sua famosa obra *Questões disputadas sobre a alma*:

Assim, afirma Aristóteles que o intelecto é certa substância, e que não se corrompe. E o mesmo concluem as palavras de Platão, de que a alma é imortal e subsistente por si por mover-se a si mesma - de fato, aqui o termo “movimento” significa toda e qualquer operação, de modo que assim se entenda que o movimento se move a si mesmo porque opera por si mesmo. (*Questões disputadas sobre a alma*, q. 1, resp.).

Além disso, há que se considerar que, nesta passagem, Santo Tomás está a afirmar que, pela operação, pelo movimento da alma humana, enquanto espiritual, se pode concluir que ela é subsistente e opera separada do corpo. É, portanto, imaterial. A mesma lógica é utilizada para demonstrar a existência da alma, pois, de seus efeitos e operações se conclui sua existência.

2. O que é a alma humana?

Como estamos considerando, respondemos a pergunta acima proposta. A alma humana existe. Tem ser, por isso, tem existência, é algo.²⁹² E mais, a alma é a primeira coisa comum aos entes do gênero animado, todos eles convergem em ter alma (*Sentencia De anima*, lib. 1 l. 1 n. 1).²⁹³ Também ao comentar o *De anima* de Aristóteles, Santo Tomás afirma, em outra passagem, que dentre os tipos de conhecimento especulativo, o conhecimento da alma é um dos mais fáceis de se progredir, dado que percebemos facilmente a existência da animação²⁹⁴ nos entes que se movem por si mesmos (*Sentencia De anima*, lib. 1 l. 1 n. 7).

Todo ente é determinado por uma essência, com a alma não é diferente. Portanto, há que se considerar o que ela é, qual sua quiddidade. Esta é a próxima grande pergunta. E aqui nós vamos pôr os princípios básicos e fundamentais para entendermos o que é a alma. Não daremos comida sólida, mas daremos alimento fácil de ser digerido, digamos assim, como dizia São Paulo. Leite para as crianças principiantes. (*1 Coríntios 3:2*).

292. Em terminologia *tomista*, ser (*esse*) ou ato de ser (*actus essendi*) e existência (*existentia*) são realidades distintas. O ato de ser é o ato dos atos, o primeiro ato. A existência é o ser em ato, isto é, é aquilo que se segue ao ato de ser. Segundo Ivanaldo Santos e Sérgio Meneses (2017) “o elemento central da ontologia de Santo Tomás, redescoberto no século XX, é a absoluta primazia do *esse* face a qualquer outro aspecto da realidade, é a consideração do *esse* como *perfectio omnium perfectionum*, perfeição de todas as perfeições, ato metafísico fundante e constitutivo do real.”

293. “*Commune autem omnibus rebus animatis est anima: in hoc enim omnia animata conveniunt.*”

294. Dentro do modo de definir as substâncias, segundo a “Árvore de Porfírio”, a animação é uma das diferenças específicas da vida animal e vegetal.



Desde Aristóteles (*Segundos Analíticos* I 18, II 19), os filósofos ensinam que existem algumas questões, algumas verdades que são conhecimentos *evidentes* para o ser humano, são *os primeiros princípios evidentes*:

a) *O princípio de não-contradição*: esse princípio afirma que o que é aqui e agora não pode, ao mesmo tempo, não ser e ser.

b) *O princípio de identidade*: esse princípio afirma que o que é, é, que o que não é, não é.

São alguns princípios evidentes, pois basta o intelecto “*olhar*” o ente que ele já o apreende. Não precisam ser demonstrados, dado que são apreendidos de maneira imediata, evidente. Toda a demonstração científica se apoia nesses princípios (*ST*, I-II, q. 57, a. 2, resp.).

A existência e a essência da alma não se enquadram nestes conhecimentos. Para que nosso intelecto chegue ao conhecimento da natureza da alma, é preciso certa demonstração, certo discurso, certa procura. Partindo de princípios evidentes, conseguimos encontrar algo que não é evidente. A alma se enquadra, então, neste tipo de conhecimento, um tipo de conhecimento que não é imediato, mas é mediato. Via raciocínio, vamos discursando, e, por meio dos efeitos, chegamos à causa desses efeitos. Vamos ver como podemos chegar a conhecer a natureza da alma humana.

2.1 Os Pré-socráticos

Desde os primeiros filósofos *pré-socráticos*, ou filósofos da *Physis*, já se propunha algumas respostas sobre a natureza da alma, sobre o que seria a alma humana. A maioria dos filósofos *Pré-socráticos* tiveram certa confusão ao comparar a alma com a matéria, com o mundo físico, ao reduzir a alma a certa semelhança material. Porque, segundo eles, todo conhecimento provém de certa

semelhança entre quem conhece e a coisa conhecida. Já que as coisas exteriores são materiais e nós as conhecemos, é porque nós também somos materiais. Para eles, nós também possuímos um ser material (ST, I, q. 84). Então, para os pré-socráticos, nesta semelhança entre o eu, que sou material, minha alma, que é material, e a coisa material, brota o conhecimento, por certa *similitude* entre o sujeito cognoscente e o objeto conhecido. De certo modo, este princípio não está errado. É assim. O semelhante conhece o semelhante. Todavia, é importante considerarmos o seguinte: *a semelhança que há entre nós que conhecemos e os objetos conhecidos, ao contrário do que pensavam os primeiros filósofos, não é a materialidade, mas é a espiritualidade.*

Podemos observar que a imaterialidade do nosso intelecto é capaz de conhecer não somente os aspectos materiais desses livros que tenho em mãos ao escrever este artigo: a cor, o cheiro, a largura, o tamanho, a cor, o odor, a temporalidade, a extensão, etc. Em mim, *quem conhece esses aspectos do ente são os sentidos.* São os meus sentidos que apreendem essas formas accidentais que estão e que mudam de livro para livro (ST, I, q. 78, a. 3 - 4) e (*Questões disputadas sobre a alma*, q. 13, resp.).

Apesar do tamanho, do cheiro, da cor, do peso, da *extensão material* que tenha este livro, este aqui e este outro, apesar de serem diferentes a partir da matéria e dos acidentes que cada um deles possui, há algo em comum entre eles, que é justamente o fato de eles *serem livros.* *Falamos aqui da mesma quiddidade.* Pois têm a *essência* comum, que se predica e atribui a todo livro, o que os define dentro de uma mesma espécie e natureza comum.

Note bem, caro leitor: *quem conhece esta forma substancial, essa quiddidade e natureza - que não se limita à matéria - não são os sentidos, mas é o intelecto.* É o intelecto que apreende a *essência* das coisas (*De ente et essentia*, p. 1). Os sentidos apreendem as *formas*



accidentais que podem mudar de livro para livro. Embora haja certa imaterialidade, certeza e verdade no conhecimento sensível, essas potências não são capazes de apreender os aspectos essenciais do ente. Por isso, os sentidos não apreendem a essência que não muda, que é estável, que é permanente, que é principal, que sustenta todos os acidentes (*De veritate*, q. 1, a. 9, resp.).

Um livro tem cor, tem peso, tem tamanho, tem som, porque é livro. Tem som de livro porque é livro. Se não fosse livro, se não tivesse esta natureza íntima que o define, ele não seria livro. E esta natureza, esta essência, não é construída por nós - seja pela sensibilidade, seja pela razão - não é inventada, mas está nas coisas mesmas, definindo as coisas, informando as coisas, dando aos entes determinada essência, determinada natureza.

Esta forma substancial, não se limita à matéria, mas define a matéria, sustenta a matéria, dá determinada essência a esses livros. Independente se a matéria deste livro A é de um jeito e desse livro B é de outro. Se a cor desse é de um jeito e a cor deste de outro, se o som desse é de um jeito e o som deste de outro. *Há algo em comum entre eles que não muda, que é a forma substancial que eles possuem. Aqui não há relativismo, aqui não há opinião, aqui há algo estável, imutável, permanente, que o homem, ao conhecer, se adequa, se abre, se limita a inclinar-se e dizer com o intelecto: isto é livro.* Este ente aqui é um livro. Nosso intelecto apreende essa forma substancial de maneira abstrata, totalmente imaterial, desprovida de todas as condições individualizantes da matéria.

Inegavelmente, se nós conhecemos isto de maneira espiritual e imaterial, se esta forma comum a todos os livros não se limita aos aspectos materiais do livro, mas está em todos eles, é porque em nós existe algo que também é espiritual, semelhante a esta forma comum a todos os livros. Do mesmo parentesco. E por isso podemos conhecer. Entre o cognoscente - que conhece - e o conhecido,

há sim uma semelhança, mas não uma semelhança material, e sim uma semelhança imaterial. Em outras palavras, o intelecto humano é imaterial e por isso conhece a forma das coisas imateriais, a forma que define as coisas (*Questões disputadas sobre a alma*, q. 14, resp.).

2.2 Platão

Os pensadores gregos, então, erraram ao dizer que a alma era matéria, ou um princípio físico, ou átomos apenas, ou uma harmonia entre as partes do corpo material. Erravam ao afirmar isso. Será com Platão²⁹⁵ que teremos o primeiro vislumbre de uma definição mais precisa do que é a alma.

A alma é um assunto amplamente tratado por Platão. Ele percorre, além da Apologia de Sócrates, todos os diálogos tanto da juventude, como Crátilo, quanto os de maturidade e da velhice, como respectivamente Fédon, Fedro, a República e o Timeu. Porém, é difícil dizer quando é Sócrates que fala, ou quando Platão fala através de Sócrates, já que Sócrates nada escreveu, sendo que a teoria de Sócrates pode ser entendida como a teoria de Platão. (SILVA, 2016, p. 38).

Como podemos ler no *Fédon*, Platão ensina que a alma é um certo princípio do movimento que move os seres vivos, os seres animados, conforme determinado fim: “*Cada corpo movido de fora é inanimado. O corpo movido de dentro é animado, pois que o movimento é a natureza da alma*” (Platão, *Fédon*, p. 245). Conforme o fim deste ser. Etimologicamente, a palavra grega *psyché* quer dizer

295. Platão de Atenas (428 a. C. – 347 a. C.), filósofo e matemático do período clássico da Grécia Antiga, autor de diversos diálogos filosóficos e fundador da Academia em Atenas, a primeira instituição de educação superior do mundo ocidental. Juntamente com seu mentor, Sócrates, Platão ajudou a construir os alicerces da filosofia natural, da ciência e da filosofia ocidental. Foi o fundador da Metafísica com ciência do suprassensível.



soprar, sopro, movimento. Esta definição de alma, como nós veremos agora, vai ser acatada por Aristóteles e será desenvolvida ainda mais por ele em toda a obra *De anima* de Aristóteles.

3. As três definições da alma em Aristóteles e Santo Tomás de Aquino

O filósofo grego Aristóteles²⁹⁶ (384 - 322 a. C), em sua obra *De Anima (Sobre a alma)*²⁹⁷, reúne as opiniões de vários pensadores que o antecederam sobre o que seria a alma (*De anima*, 403b 20). Podemos dizer que é o primeiro tratado de *História da Psicologia*. Mas ele vai além, ele afirma que as respostas dadas pelos filósofos *pré-socráticos*, embora seus esforços, são insuficientes e não explicam bem o que é a alma.²⁹⁸ Como afirmamos, Aristóteles, no

296. Aristóteles de Estagira (384 a. C. – 322 a.C.), filósofo grego, aluno de Platão e prof. Alexandre, o Grande. Seus escritos abrangem diversos assuntos, como a lógica, a biologia, a física, a metafísica, as leis da poesia e de drama, a música, a retórica, o governo, a ética, e a zoologia. Juntamente com Platão e Sócrates, Aristóteles é visto como um dos fundadores da filosofia ocidental. Foi chamado no período Escolástico de *O Filósofo*, especialmente por Santo Tomás de Aquino.

297. O Tratado sobre a alma de Aristóteles pode ser considerado uma obra de maturidade por duas razões. Em primeiro lugar, nele não há um tratamento do tema no qual se imponham considerações religiosas; o estudo da alma é feito de um ponto de vista estritamente científico. Em segundo lugar, nessa obra encontramos um emprego sistemático da teoria hilemórfica e dos conceitos de ato e potência, os quais são empregados precisamente para a definição da alma.

298. Há que se considerar, antes de tudo, que ao estudarmos o ente humano, em sua alma e em seu corpo, em primeiro lugar, estamos estudando uma parte da *Física* Aristotélica, pois se levarmos em conta que a *Física* é o estudo do ente móvel (*Comentário à Física de Aristóteles*, L. 1, l. 1), e que a alma é o princípio de movimento, veremos que ao estudarmos o que é a alma e suas operações, estaremos estudando um dos diversos entes móveis que existem, o homem. Além disso, e por uma razão mais profunda, o homem

primeiro capítulo do *De anima*, ao realizar suas observações metodológicas, resgata as opiniões relevantes de seus predecessores. Aristóteles apresenta as concordâncias e discordâncias que existiam entre os pensadores. A alma é o que faz mover, segundo Demócrito, pitagóricos e Anaxágoras (b31 - 404a25). A alma é o princípio do conhecimento e da percepção, o semelhante é conhecido pelo semelhante, a partir das ideias de Empédocles e Platão (404b7). Dizia Platão que, se a alma conhece intelectualmente, então, seus objetos também deveriam carecer de matéria e serem intelectuais, ou seja, os objetos do conhecimento não possuem necessidade alguma das coisas materiais, são ideias ou espécies universais intelectuais desde sempre. Por isso, para conhecer, a alma não carece do corpo e dos sentidos, porém, a alma conhece as coisas imateriais pela semelhança que há na sua própria natureza intelectual e imaterial. Por fim, alguns predecessores misturam ambos os princípios, o movimento e o conhecimento (404b27). As discordâncias entre os pensadores giravam em torno da necessidade de se

é composto de forma e matéria, dois dos princípios que constituem o ente móvel como um todo. Por essas razões podemos afirmar que a *Psicologia* é uma parte subjetiva da *Física Geral* em Aristóteles. Como escreve Gardeil: “Aristóteles certamente concebeu seu estudo do ser vivo e do seu princípio, a alma, em sua física. No entanto, ao termo de sua pesquisa, ao reconhecer a existência de uma atividade da alma independente do corpo, o pensamento, ele abriu outras perspectivas e colocou, sem aliás resolver, a própria questão do estatuto físico de nossa ciência. Todavia, tal como ele a compreendeu, sua obra biopsicológica guarda o caráter de um saber de tipo naturalista. Como, então, essa obra é disposta no conjunto dos escritos físicos? Esquemáticamente, pode-se dizer que, na física, Aristóteles vai do mais universal ao mais particular; desse modo, ele começa por considerar os movimentos e os móveis em geral, para estudar em seguida cada uma de suas espécies e, especialmente, aquele movimento e aquele móvel que são a vida e seu princípio, o ser vivo. O sujeito psicológico aparece na exposição do Estagirita, como um corpo particular entre outros corpos, e a ciência que lhe corresponde, como uma seção especial do estudo geral da natureza” (GARDEIL, 2013, Vol. 2, p. 18).



estabelecer uma natureza para os princípios. Para alguns, a origem desses princípios era o corpóreo, entretanto, para outros, o incorpóreo (405b2 – b30). Na parte histórica de seu texto, o Estagirita considera, junto a seus predecessores, a alma como princípio de movimento e de sensação. A predominante parte dos argumentos na discussão se dá contra as concepções materialistas da vida psíquica. Todavia, se vê igualmente deixado de lado o *dualismo espiritualista* de Platão (GARDEIL, 2013, p. 13). Mas, vejamos aqui como ele começa a investigar o problema (*De anima*, 403b 24):

No exame da alma, é necessário, ao mesmo tempo em que se expõem as dificuldades cuja solução deverá ser encontrada à medida que se avança, recolher as opiniões de todos os predecessores que afirmaram algo a respeito dela, aproveitando-se o que está bem formulado e evitando aquilo que não está. O ponto de partida da investigação é apresentar aquilo que mais parece pertencer à alma por natureza. Ora, há a opinião de que o animado difere do inanimado especialmente em dois aspectos: *o movimento e a percepção sensível*. E, em relação à alma, são mais ou menos esses dois que recebemos de nossos predecessores. Alguns, com efeito, dizem que a alma é, primordialmente, o que faz mover. E julgando que não pode mover outra coisa o que não estiver ele mesmo em movimento, supuseram a alma entre as coisas que estão em movimento.

Como veremos mais adiante, Aristóteles conceituou de maneira brilhante a *alma como forma do corpo*, e descreveu a atividade mais elevada da alma, como atividade de abstração espiritual. Contudo, sobre a origem e destino da alma humana, pouco disse e pouco explicou. Faltava-lhe o conceito de *criação*. Será com a tradição antiga cristã e os comentadores árabes e, especialmente, na escolástica, com Santo Tomás de Aquino, que, racionalmente, serão

discutidas as respostas para as aporias que Aristóteles se calou ao responder.

Na *Summa Theologiae*, estuda-se a natureza da alma dentro do tratado *De Homine*, na *Prima pars*. Antes de tudo, segundo Santo Tomás, devemos considerar que o homem - tanto a espécie, como o indivíduo - não pode ser *somente a alma*, pois na definição de homem devem entrar a forma e a matéria:

Que a alma seja o homem, pode-se entender de dois modos. De um modo, que o homem é a alma, mas não este determinado homem, composto de alma e corpo, como Sócrates. E digo assim porque certos ensinaram que só a forma pertence à natureza da espécie, sendo a matéria parte do indivíduo e não da espécie. — O que certamente não pode ser verdadeiro. Pois, à natureza da espécie pertence aquilo que significa a definição. *Ora, a definição, nas coisas naturais, não significa só a forma, mas a forma e a matéria*. Por onde, a matéria é parte da espécie, nas sobreditas coisas; não por certo a matéria signada, que é o princípio de individuação, mas a matéria comum. Assim, pois, como da natureza de um determinado homem é que seja composto de tal alma e tais carnes e tais ossos, assim da natureza do homem é que o seja da alma e das carnes e dos ossos; pois, é necessário que a substância da espécie tenha tudo o que comumente pertence à substância de todos os indivíduos contidos na espécie (*ST*, I, q. 75, a. 4, resp.).

Na espécie humana, a alma é uma parte da definição (*ST*, I, q. 75, a. 4, resp. ad 2).²⁹⁹ Embora o homem não seja sua alma, mas “um composto de corpo e alma” (*ST*, I, q. 75), algo de *alma e de ossos e carnes*, devemos considerar que o homem é movido por um motor intrínseco, e esse motor é a alma, não o corpo. O nome “homem”

299. Todo animal é composto de corpo e alma. (*De anima*, 412b 27).



não se aplica nem à alma sozinha, nem ao corpo sozinho, mas a corpo e alma conjuntamente, à substância composta (COPLESTON, 2021). A alma não é corpo, mas princípio de movimento do corpo. Como em todos os entes vivos, o homem também *se move por si mesmo* a partir de um primeiro princípio interno do movimento. Como vimos mais acima, conhecemos a natureza e a existência da alma *a posteriori*, a partir de seus efeitos. Um dos efeitos mais manifestos da alma é o *movimento*. Não sabemos o que o homem é, nem como se move e se atualiza, sem compreendermos bem o que é a alma, pois ela é o princípio - *o subjecto* - de onde emanam essas possibilidades. Por isso, uma psicologia sem alma, em verdade, não estuda o homem em sua realidade, mas um fantasma, uma miragem.

A partir de agora veremos quais são as três definições de alma apresentadas pela psicologia aristotélico-tomista.

3.1 A alma como primeiro princípio da vida dos entes vivos

Por isso, na *Summa Theologiae*, Santo Tomás afirma:

Para discutir a natureza da alma, é necessário pressupô-la como *o primeiro princípio da vida dos seres vivos*; assim, dizemos que os seres animados são vivos e as coisas inanimadas carecem de vida. Ora, esta se manifesta maximamente pela dupla operação do conhecimento e do movimento, cujo princípio os antigos filósofos, não podendo transcender a imaginação, consideravam como corpo; pois, diziam, só os corpos são coisas e o que não é corpo nada é. E então, consideravam a alma como um certo corpo. Ora, embora se possa mostrar, de múltiplos modos, a falsidade dessa opinião, empreguemos só um argumento com o qual mais comum e certamente se patenteará que a alma não é corpo. Assim, é manifesto, a alma não é um princípio qualquer da operação

vital; pois, se o fosse, então os olhos, princípio da visão, seriam a alma; o mesmo devendo dizer-se dos outros instrumentos desta. Mas, chamamos alma ao princípio primeiro da vida. Pois, embora algum corpo possa ser um certo princípio da vida, como o coração o é, no animal; contudo não pode ser o princípio primeiro da vida de qualquer corpo. Ora, é manifesto, ser princípio da vida ou vivente não cabe ao corpo como tal; do contrário todo corpo seria vivo ou princípio da vida. Logo, só cabe a um certo corpo como tal ser vivo, ou ainda, princípio da vida. Ora, o que torna esse corpo atualmente tal é algum princípio, chamado o seu ato. Por onde, a alma, princípio primeiro da vida, não é corpo, mas o ato dele, assim como o calor, princípio da calefação, não é corpo, mas um ato do corpo. (*ST*, I, q. 75, a. 1, resp).

A alma é o primeiro princípio da vida dos seres vivos, o ato do corpo, ato primeiro, pois por meio dela o corpo tem a vida, sem ela o corpo não vive, não é animado. Para Aristóteles, a partir dessa primeira definição, os seres que são vivos ou animados são aqueles, unicamente aqueles, que movem a si mesmos. Tem movimento próprio, em vista do seu fim. Por isso, podemos afirmar que o sujeito geral da psicologia aristotélica é o mundo animado, isto é, vivente, que tem por princípio a alma e se distingue essencialmente do mundo inorgânico, pois, o ser vivo, diversamente do ser inorgânico, possui internamente o princípio da sua atividade, que é precisamente a alma, ato e forma do corpo.

Afirma Aristóteles, em sua obra clássica *De anima* (412b10):

Está, então, enunciado em geral o que é a alma. Pois ela é a substância segundo a determinação, ou seja, o que é, para um corpo de tal tipo, ser o que é. Se um instrumento fosse um corpo natural - por exemplo, o machado -, a sua substância seria o que é ser para o machado, e isto seria a sua alma. Separado disso, ele não seria mais



um machado, exceto por homonímia. Mas, na verdade, é um machado, pois a alma não é a determinação e o que é ser o que é para um corpo desse tipo, mas sim de *um corpo natural tal que tenha em si mesmo um princípio de movimento e repouso*.

Como vimos acima, na *Summa Theologiae* Santo Tomás acata esta primeira definição de Aristóteles. Além disso, em seu *Comentário ao De anima*, afirma que entre “os corpos naturais, uns são vivos, outros não”. E a própria “razão da vida” (*Sententia De Anima*, L. 2, l. 1, n. 10)³⁰⁰ será essa: animado será aquele ser que move a si mesmo, inanimado é aquele ser que não se move a si mesmo. E por que se move a si mesmo? Porque possui *anima*. Dos efeitos da alma, chegamos, *a posteriori*, ao seu conhecimento.

Por isso, segundo Aristóteles, uma planta, um animal e um homem (entes que expressam os três graus da vida), ao receber o ato de ser (*actus essendi*), possuem interiormente, isto é, imanentemente³⁰¹ ao que eles são, um movimento próprio. Eles se movem a si mesmos, em vista de um determinado fim que é o seu próprio.

300. *“Tertia divisio est, quod corporum naturalium, quaedam habent vitam, et quaedam non habent. Illud autem dicitur habere vitam, quod per seipsum habet alimentum, augmentum et decrementum. Sciendum autem est, quod haec explanatio magis est per modum exempli, quam per modum definitionis. Non enim ex hoc solo quod aliquid habet augmentum et decrementum, vivit, sed etiam ex hoc quod sentit et intelligit, et alia opera vitae exercere potest. Unde in substantiis separatis est vita ex hoc quod habent intellectum et voluntatem, ut patet in undecimo metaphysicae, licet non sit in eis augmentum et alimentum. Sed quia in istis generabilibus et corruptibilibus anima, quae est in plantis, ad quam pertinent alimentum et augmentum, ut in fine primi dictum est, principium est vitae, ideo hic quasi exemplariter exposuit habens vitam, id quod habet alimentum et augmentum. Propria autem ratio vitae est ex hoc, quod aliquid est natum movere seipsum, large accipiendo motum, prout etiam intellectualis operatio motus quidam dicitur. Ea enim sine vita esse dicimus, quae ab exteriori tantum principio moveri possunt.”*

301. *Imanente* quer dizer que o movimento parte de dentro do sujeito e

Notem o exemplo: não é necessário ninguém empurrar a grama cortada no sábado para que ela cresça, aumente e se mova. Não é preciso. Se ela tiver os nutrientes básicos para esse movimento, ela vai, por si, depois de aproximadamente quinze dias, ter crescido, ter aumentado e estará apta para ser aparada novamente. Além disso, terá se reproduzido em outras gramas à sua volta.

A grama, portanto, que é um vegetal, move-se por si mesma, e não é movida por ninguém. Ela é capaz de, por si mesma, mover-se em vista do seu fim. Contudo, ela recebe o ser de outro, ela não causa a si o seu ser. No entanto, a partir do momento em que recebe a sua forma de grama, a partir do momento em que ela é grama, ela move a si mesma. Portanto, a planta, a grama, é um ser animado, possui alma.

Podemos nos perguntar aqui: um copo, por exemplo, ele é um ser animado ou inanimado? Pense um pouquinho, caro leitor. Ele se move-se a si mesmo ou ele é movido por outro? Como nós podemos ver, um copo é inanimado, ele não possui movimento próprio. Ele é movido por um agente externo a ele mesmo, diferente dele mesmo.³⁰²

Não são só as plantas que movem a si mesmas. Se nós olharmos, observarmos a nossa volta, será que existe algum outro ser que move a si mesmo? Por exemplo, um cavalo. Um cavalo, ele é movido por outro em vista do seu fim, ou, a partir do momento em que ele passa a existir, ele possui um movimento imanente interno próprio dele? Os cavalos, não só os cavalos, mas todos os animais

move o próprio sujeito. Diferente do movimento *transcendente*, que parte de fora do sujeito para mover o sujeito. Como o movimento da mão que move a pedra.

302. Diferente, por exemplo, de uma árvore, de uma roseira, de uma laranja. São seres que movem-se a si mesmos em vista de um determinado fim. A vida de Santo Tomás começa neste movimento imanente, próprio, em vista de um fim.



irracionais possuem vida, porque possuem alma, possuem esse movimento interno. São seres animados, não são inanimados. São capazes de mover-se a si mesmo tendo em vista o seu fim, e assim todos os animais inanimados.

Santo Tomás, nas suas *Questões disputadas sobre a alma* (2014), nos faz notar que *existem graus da vida* conforme os graus de alma e que podemos conhecer essa hierarquia entre as almas a partir do conhecimento das operações dessas almas.

Entre o *movimento* do animal irracional e o movimento da planta, há uma diferença específica que os distingue. As plantas se movem a si mesmas somente nutrindo-se, aumentando de tamanho e se reproduzindo. E a operação da planta começa de fora e termina no exterior, sempre. O animal se move de um modo bem diferente. O animal irracional, além de se nutrir, aumentar e reproduzir, ele também conhece sensivelmente, ou seja, recebe o mundo exterior em si, por meio dos seus sentidos, guarda esse mundo em si e ape-tece, deseja, ama sensivelmente a esse mundo apreendido pelos seus sentidos. Este já é um movimento superior ao movimento das plantas. Elas não conhecem sensivelmente e nem amam, desejam ou apetezem o objeto conhecido sensivelmente.

Um cão, por exemplo, que se encontra frente a frente a um pedaço de carne, conhece pelos sentidos: cheira, toca, vê, apreende esta realidade exterior, *julga* esse pedaço de carne aqui e agora como útil e conveniente para sua conservação, por meio do sentido interno da estimativa. Essas informações, apreendidas pelos sentidos externos e internos, movem o seu apetite concupis-cível a apeteecer este pedaço de carne, a mover-se para saborear esta carne. Escreve o Aquinate:

Acima dessas formas estão as almas das plantas, que têm semelhança não só com os corpos celestes, mas com seus motores, enquanto são princípios de certo

movimento, porque alguns deles se movem a si mesmos. Mais acima ainda estão as almas dos animais, que já têm semelhança com a substância que move os corpos celestes, não só por sua ação motriz dos corpos, mas também pelo fato de que está em sua natureza serem cognoscentes, ainda que o conhecimento dos animais seja tão somente das coisas materiais e se dê materialmente, razão por que necessitam de órgãos corporais (*Questões disputadas sobre a alma*, q. I, resp.).

Esta vida, este movimento próprio do animal irracional, não é feito pelas plantas. As plantas não se movem deste modo. Não há esse tipo de vida nas plantas. É clara a diferença. Ambos têm movimento interno, imanente, correto? Mas há uma diferença substancial neste movimento. O animal irracional bruto se move de um modo e as plantas de outro.

Mas entre os seres que se movem, será que existem só as plantas e os animais irracionais? Aristóteles demonstra que não. O ente humano realiza também um movimento imanente, próprio. Nós nos movemos por nós mesmos, também. Sim, nós temos vida vegetativa, nos nutrimos, crescemos e reproduzimos, igual a planta, nós temos vida sensitiva, conhecemos sensivelmente e apetecemos as coisas sensíveis. Todavia, no homem há um movimento superior, mais elevado, que é o movimento do espírito. O movimento da vida espiritual, imaterial, que está para além do movimento corpóreo. Como podemos conhecer esse movimento espiritual que há no homem, este modo de mover-se espiritual? Analisando o ato da inteligência e o ato da vontade. Retomando o argumento da citação anterior, citamos Santo Tomás:

Acima destas formas, enfim, estão as almas humanas, que se assemelham às substâncias superiores também quanto ao gênero de seu conhecimento, porque podem conhecer as coisas imateriais inteligindo. Elas, no entanto,



são inferiores a essas substâncias por ser da natureza da alma humana adquirir o conhecimento intelectual imaterial a partir do conhecimento das coisas materiais, que se dá mediante os sentidos. *Assim, pelo tipo de operação da alma humana, é possível reconhecer qual é seu modo de ser.* Pois, na medida em que sua operação transcende às coisas materiais, seu ser se encontra acima do corpo e é independente dele; mas, na medida em que por natureza tem de adquirir um conhecimento imaterial a partir do material, é evidente que não pode estar completa sua natureza específica sem sua união ao corpo (*Questões disputadas sobre a alma*, q. 1, resp.) (Destaque nosso).

A substância intelectual se move, sobretudo, por meio do intelecto. O intelecto apreende as essências, as formas que definem as coisas, para além do que é conhecido materialmente, fisicamente pelos sentidos. O ato do intelecto de *chegar* até a essência do livro e conceituar: *livro*. Independente do peso, da largura, do cheiro, da cor, é um ato espiritual, que não é feito por meio de nenhum órgão corpóreo. Não se dá pelo sentido da visão, não se dá pela audição, pelo paladar, pelo olfato, pelo tato, nem se dá pela imaginação ou por algum outro sentido interno. A sensação e a imaginação só podem aprender uma imagem particular deste ou daquele livro, que pressupõe a particularidade, a materialidade do livro. *A espécie, a essência universal comum a todos os livros, não é, portanto, aprendida por nenhum órgão corpóreo, porque é um ato espiritual.* Este conhecimento da forma de livro é espiritual, e se é espiritual, pressupõe um movimento, uma vida espiritual que há em nós. É um movimento espiritual. Porque se não houvesse esta vida em nós, não conheceríamos o imaterial, só conheceríamos o que é sentido aqui e agora, percebido aqui e agora, através dos sentidos. Do mesmo modo, a vontade. A vontade, após conhecer por meio do intelecto os entes e o bem dos entes, iluminada pelo intelecto (*ST*, I, q. 82, a. 3 e 4), pode optar entre os diversos entes

que existem, aquele que é mais elevado, aquele que é mais superior. Se impondo, assim, sobre o apetite sensível.

Um pai de família pode, apesar de todas as crises no matrimônio, apesar de os seus sentidos o estarem inclinando a trair a sua esposa - porque há uma colega de trabalho o convidando para tomar um café - ele pode muito bem dizer, comparar estes bens, o prazer sensível e o matrimônio, e pode dizer não ao que o seu apetite sensível está inclinando a ele. Um pai de família pode, a mãe de família também, pode muito bem, tendo em vista um bem espiritual, neste caso, que é o matrimônio, que é a família, dizer não ao bem que para o corpo seria mais agradável, conveniente.

Diferentemente dos animais, nós podemos, por termos vida espiritual, tendo em vista um fim universal e imaterial, por causa de um bem espiritual, aguentar dores sensíveis, suportar a dor sensível, física. O animal irracional, não. O seu movimento afetivo tem a seguinte lei universal: *foge da dor, busca o prazer*. O homem, não. Busca o bem, o mais elevado, o mais alto, ama o bem mais elevado, espiritualmente, e se preciso, suportar até mesmo a dor para alcançar esse bem, suporta, desenvolvendo a fortaleza. Então, vejam, há uma vida espiritual na vontade também, que não se limita ao apetite animal, ao movimento animal feito pelos animais irracionais.

Portanto, o ente humano possui em si, como seu modo específico, o seu movimento próprio, mover-se por meio da parte intelectual. No homem existem três graus de vida, vegetativa, sensitiva, como há nos animais, mas há a vida intelectual (ST, I, q. 78). E no homem, as outras duas vidas, inferiores, vegetativa e sensitiva, se subordinam à vida intelectual. No cão, a vida vegetativa está submetida à vida sensitiva e a planta só possui, unicamente, a vida vegetativa, o movimento vegetativo.

Como vimos, viver é mover-se por si mesmo, por uma operação que parte do sujeito e nele permanece, o desenvolve e aperfeiçoa,



o completa, ou pelo menos o mantém na perfeição. De certo modo, por tudo já dito até aqui, é lícito afirmar que viver e ser animado é isso.

A primeira definição de alma vai abarcar apenas três graus de vida, mas podemos encontrar na *psicologia aristotélico-tomista* mais duas definições que são mais abrangentes e mais metafísicas.

A alma como forma do corpo.

A alma como ato primeiro de um corpo organizado que tem a vida em potência.

3. 2 A alma como forma do corpo

Encontramos a segunda definição no *De anima* de Aristóteles: “É necessário, então, que a alma seja substância como forma do corpo natural que tem a vida em potência” (412a 16). Nesta definição, encontramos a aplicação de quatro noções importantíssimas na metafísica e na física de Aristóteles: *ato e potência, matéria e forma*. Pois, neste contexto, a forma é o ato, o corpo a potência. Todos os entes naturais, segundo o *hilemorfismo físico* aristotélico, são compostos de matéria e forma. A palavra *hilemorfismo* deriva do grego “*hylē*”, que significa matéria, e “*morphē*”, que significa forma.

Encerra-se aqui uma teoria física que aborda a relação entre matéria e forma nos objetos do mundo. Aristóteles propôs que tudo no universo é composto por matéria e forma. A matéria é a substância subjacente que constitui a realidade física, enquanto a forma é o princípio que determina, atualiza, estrutura e organiza a matéria. Segundo essa doutrina, a forma não existe separadamente da matéria, elas estão intrinsecamente ligadas. É importante notar-mos que o *hilemorfismo* não se aplica apenas a seres vivos, mas Aristóteles usou essa teoria para explicar a constituição de todos os objetos materiais.

Contudo, embora a doutrina do *hileformismo* não se aplique apenas aos entes vivos, neles ela ganha contornos mais dinâmicos. No ente vivo, quando o corpo recebe a forma, sai da potência, recebe seu ato e vive. Santo Tomás, como bom discípulo de Aristóteles, acompanha a mesma definição:

De fato, é manifesto que aquilo pelo qual vive o corpo é a alma. Ora, viver, para os viventes, é ser. Assim, a alma é aquilo pelo qual o corpo humano tem o ser em ato; mas tal coisa é forma: a alma humana é, portanto, a forma do corpo (*Questões disputadas*, q. 1, resp.).

Além disso, escreve na *Summa Theologiae*:

Como forma, pois, a alma não é um ato ordenado a outro ato ulterior, mas é o último termo da geração (ST, I, q. 77, a. 1, resp.).

Na ordem do vir a ser do ente corpóreo, *a forma significa aquilo que determina o ente, que o especifica, que lhe dá uma natureza e um determinado modo de ser.*³⁰³ Além disso, é o princípio que distingue um ente de outro. Do ponto de vista da cognição humana, a forma também é o princípio que torna inteligível o ente, pois compreendemos o que ele é porque captamos a sua forma substancial (ST, I, q. 84 e 85).

Está bem dito: a alma significa *a forma do corpo*. É a forma substancial de uma matéria que *per se* não tem forma. A única forma substancial do ente vivo: “É pela mesma e única forma, a alma intelectual, que se é homem, e animado e vivo, e corpo, e substância e ente” (HUGON, 1997, p. 143).³⁰⁴ Além disso, segundo

303. De modo geral, “a criatura corporal é, na sua essência mesma, composta de potência e de ato, os quais, em relação à essência, se chamam matéria e forma” (HUGON, 1997, p. 89).

304. O Padre Copleston, na sua *Uma História da Filosofia* (2021), ao comentar sobre a psicologia de Santo Tomás afirma que: “Já vimos que Santo Tomás



Santo Tomás, como toda substância,³⁰⁵ a alma por ser forma substancial do corpo, é algo que subsiste por si mesma, excede e é suporte das operações e potências. Mas, é importante notarmos que, a alma não é a mesma coisa que suas potências, isto é, as potências não são a essência da alma, e sim, acidentes que se predicam da substância (*forma substancial*).

Além disso, se a alma é o princípio vital e formal de um corpo, então todos os seres que possuem alma possuem forma, porém, é relevante notarmos que *nem todos que possuem forma, possuem alma, muito menos alma espiritual*. A terra possui forma, no entanto, não possui alma.³⁰⁶ Conforme a diversidade de seres existentes é a

sustentava a doutrina aristotélica do hilemorfismo que, afastando-se da concepção dos seus predecessores, defendia a unicidade da forma substancial na substância. Pode ser que a princípio Santo Tomás tenha aceitado a existência da *forma corporeitatis* como a primeira forma substancial na substância material. Seja como for, logo veio a opor-se a essa opinião e sustentou que a forma substancial específica informa imediatamente a matéria-prima e não mediante qualquer outra forma substancial. Aplicou essa doutrina ao homem, sustentando que não há senão uma forma no compositum humano. Essa forma substancial única é a alma racional, que informa a matéria diretamente: não há uma forma *corporeitatis* nem, menos ainda, formas substanciais vegetativas e sensitivas. O homem é uma unidade, e essa unidade ficaria comprometida se supuséssemos uma pluralidade de formas substanciais.”

305. *Substância* significa aquilo que subsiste por si mesma e não é predicado de nada, mas tudo se predica dela. Escreve Aristóteles na obra *Categorias*: “Substância [...] é aquilo que nem é dito de algum sujeito nem está em algum sujeito, como, por exemplo, um certo homem ou um certo cavalo” (*Categorias*, 2a 20).

306. Os graus de perfeição dos seres animados são caracterizados pela força e operação. Como causa formal, a alma determina e move à operação de cada espécie particular, como que seu fim. O primeiro grau de vida é o vegetal, nas plantas, que possuem como princípio vital a alma vegetal, que lhe é o seu princípio imanente e motor, que procede de seu interior. Comenta o Santo Doutor: “Com efeito, as coisas que possuem somente movimento externo são totalmente carentes de vida. Mas, nas plantas já há um indício de vida, pois o que há nelas as move para uma forma. Não obstante, a vida das

diversidade de formas. Basta olharmos ligeiramente à nossa volta para percebermos uma grande variedade de corpos diferenciados de diversas formas. A forma é tida como alma nos seres que se movem a si mesmos, porém, como entendemos, não em todos os seres que existem. Nos seres inanimados, a forma é entendida apenas como primeiro princípio substancial que determina a causa formal e final da coisa, mas, não como *anima*.

3. 3 Sobre a nobreza dos entes vivos

Quanto mais nobre a forma (*Anima*), mais nobre será o ente vivo. A alma, enquanto princípio formal, é o que irá definir as coisas e também será o que irá distinguir, hierarquizar os entes à nossa volta. De modo geral, mais perfeito será um ente, quanto mais elevada for sua forma.

A perfeição de suas formas é o que determina o grau que cada substância ocupa na escala dos seres: *“Tanto Aristóteles como Santo Tomás tienen un profundo sentido de la pluralidad y diversidad de los seres, pero también de la ordenación jerárquica en que se van*

plantas é imperfeita, porque a emanção que delas procede, embora venha do interior, contudo, as emanções que lentamente lhes vem do interior terminam totalmente no exterior.” (TOMÁS DE AQUINO, *Suma Contra os Gentios*, L.IV, C. XI). O movimento existe nas plantas, como nos outros seres vivos animados. Porém, nas plantas que se movem a si mesmas, sua operação final está voltada totalmente para o exterior, para fora de si mesmo, no mundo material. Uma árvore de laranjeira possui alma, possui vida, deve se realizar conforme seu fim que, determinado por sua forma, é ser árvore de laranjeira e produzir laranjas. Sabemos que a árvore de laranjeira se move, dentro das condições normais, a dar frutos de laranja. Eis o seu fim, eis em vista do que se move. Sua vida é lhe dada no interior da seiva, da semente, que posta na terra, produz a planta. Entretanto, seu fim é exterior. Aqui não entraremos em maiores detalhes no que trata da faculdade vegetativa e sensitiva, mas, somente o necessário para compreendermos a faculdade própria do homem, a faculdade intelectual da alma, e o modo de conhecer próprio dos seres racionais.



sucedindo en progresión ascendente por razón de la perfección de sus formas” (FRAILE, 1965, p, 21).

De que modo nós podemos inteligir, conhecer, perceber as diferenças entre as formas e saber que esta forma, esta alma, é mais elevada que aquela outra, é superior à outra alma?

Santo Tomás, no seu livro *Questões disputadas sobre a alma, na questão 1*, é muito claro ao afirmar que podemos conhecer quando uma forma é mais elevada que a outra, ou seja, está num grau hierárquico superior à outra, por meio das *operações* desta forma. Observando as obras, os fazeres desta forma, e nos entes vivos desta alma, podemos colocá-la acima ou abaixo, na ordem dos entes, porque há uma hierarquia entre os entes:

Isso pode manifestar-se pela ordem das formas das coisas naturais. Pois se encontra, entre as formas dos corpos inferiores, que algumas são mais elevadas quanto mais se assemelham aos princípios superiores e mais se aproximam deles: *no que pode ser estabelecido conforme as operações próprias de cada forma*. Pois as formas dos elementos, que são as mais baixas e as mais próximas da matéria, carecem de toda operação que exceda as qualidades ativas e passivas, como o rarefeito e o denso e outras formas semelhantes, que parecem ser disposições da matéria. Acima dessas formas encontram-se as dos corpos mistos, que, além das operações precedentes, têm uma operação específica que recebem dos corpos celestes; e, assim, o ímã atrai o ferro não em razão do calor ou do frio ou de coisas semelhantes, mas porque participa de uma virtude celeste. Acima dessas formas estão as almas das plantas, que têm semelhança não só com os corpos celestes, mas com seus motores, enquanto são princípios de certo movimento, porque alguns deles se movem a si mesmos. Mais acima ainda estão as almas dos animais, que já têm semelhança com a substância que move os

corpos celestes, não só por sua ação motriz dos corpos, mas também pelo fato de que está em sua natureza serem cognoscentes, ainda que o conhecimento dos animais seja tão somente das coisas materiais e se dê materialmente, razão por que necessitam de órgãos corporais. Acima destas formas, enfim, estão as almas humanas, que se assemelham às substâncias superiores também quanto ao gênero de seu conhecimento, porque podem conhecer as coisas imateriais inteligindo. Elas, no entanto, são inferiores a essas substâncias por ser da natureza da alma humana adquirir o conhecimento intelectual imaterial a partir do conhecimento das coisas materiais, que se dá mediante os sentidos. Assim, pelo tipo de operação da alma humana, é possível reconhecer qual é seu modo de ser. Pois, na medida em que sua operação transcende às coisas materiais, seu ser se encontra acima do corpo e é independente dele; mas, na medida em que por natureza tem de adquirir um conhecimento imaterial a partir do material, é evidente que não pode estar completa sua natureza específica sem sua união ao corpo (*Questões disputadas sobre a alma*, q. 1, resp.).

Na ordem ontológica, a forma determina o ser. Na ordem prática, a forma é princípio de operação, pois cada operação será conforme a natureza do ente que opera. Examinando assim as operações dos entes, podemos conhecer sua nobreza e colocação hierárquica entre as coisas.

Assim, a alma, que é a forma que dá o ser, não tem nenhum outro meio entre si mesma e a matéria prima. Devido, porém, ao fato de que a mesma forma que dá seu ser à matéria é também princípio de operação - pois cada coisa age segundo está em ato -, é necessário que a alma, assim como qualquer outra forma, seja também princípio de operação. Mas deve-se considerar que, segundo



o grau das formas na perfeição do ser, será também seu grau na virtude do operar, pois a operação é do existente em ato. Por isso, quanto mais perfeita for uma forma para dar o ser, tanto maior será sua virtude de operar (*Questões disputadas sobre a alma*, q. 9, resp.).

Passamos para a próxima definição.

4. A alma como ato primeiro (enteléquia)

Na ordem do ser, segundo a física do Estagirita, existem dois tipos de atos: a) ato primeiro ou *enteléquia*, que significa a realização plena do ente na ordem da geração, e b) ato segundo, ou ato operativo, *énérgia*, que significa o ente em atividade.

A terceira definição de alma, significa a alma como “ato primeiro de um corpo físico organizado que tem a vida em potência” e “princípio dos atos segundos”.

[..] quanto à alma, que é, por essência, ato. Se, pois, a essência mesma da alma fosse princípio imediato de operação, quem tivesse sempre alma, exerceria em ato as operações da vida; assim como, quem sempre têm alma é vivo em ato. Como forma, pois, a alma não é um ato ordenado a outro ato ulterior, mas é o último termo da geração. Por onde, não é pela essência, enquanto forma, mas pela potência, que a alma é potencial em relação a outro ato. E assim, enquanto submetida à sua potência, ela se chama ato primeiro, ordenado ao ato segundo; pois, como se verifica, quem tem alma nem sempre exerce, em ato, as operações da vida. Por onde, na definição da alma se diz que é o ato do corpo tendo a vida em potência (*ST*, I, q. 77, a. 1, resp.).

Encontramos essa definição na já citada obra magna de psicologia *De anima*:

Se é preciso enunciar algo comum a toda e qualquer alma, seria que é a primeira atualidade (*enteléquia*) do corpo natural orgânico (*De anima*, 412b 27).

A alma é o *actus primus*. A ideia de que a alma é o “ato primeiro” de um corpo físico está profundamente enraizada na filosofia aristotélica. Aristóteles distinguia entre potência (capacidade de se tornar algo) e ato (a realização real desse algo). Nesse contexto, a alma poderia ser vista como o “ato”, a “forma” ou “princípio vital” que dá vida ao corpo. O corpo físico, por sua vez, seria “a potência” que se realiza quando animado pela alma.

A definição por si só engloba todo o conceito e ampara-se em ampla complexidade teórica, pois muitas são as premissas que pressupõe, e grande é o universo de coisas que exclui de seu âmbito conceptual. Resta fixado, de qualquer maneira, que somente os seres que são *physikos*, ou seja, que são dotados de movimento próprio e, portanto, são semoventes e moventes ativos de outros seres, podem ser considerados como participantes do mencionado conceito. Nunca um instrumento ou um corpo artificial qualquer poderia ser considerado como matéria para a sua animização. Só há *enteléquia* na conjunção de um «corpo natural» (*sómatos physikou*) com uma «alma» (*psyché*), sendo esta o ser próprio do corpo animado. O «ser homem» é um ser específico de uma entidade que, uma vez organicamente constituída, dotada potencialmente de vida (automovimento e motricidade), e naturalmente existente, possui uma alma; ou seja, seu «ser de homem» só existe pois a alma, em conjunção com um corpo, lhe dota da peculiaridade de ser um homem entre outros seres (BITTAR, 2003, p. 557).

Tal como uma forma, uma alma é um ato de um tipo particular. Neste ponto, como vimos, Aristóteles introduz uma distinção entre dois tipos de ato. Uma pessoa que não saiba falar grego,



encontra-se num estado de pura potência no que diz respeito à utilização dessa língua. *Aprender grego é passar da potência ao ato.* Porém, uma pessoa que tenha aprendido grego, mas que ao longo de um determinado tempo não faça uso desse conhecimento, encontra-se num estado simultâneo de ato e potência: *ato em comparação com a posição de ignorância inicial, potência em comparação com alguém que esteja a falar grego.* Ao simples conhecimento do grego, Aristóteles chama “ato primeiro”, ao fato de se falar grego chama “ato segundo”.

Aristóteles utiliza esta distinção na sua descrição da alma: *a alma é o ato primeiro de um corpo orgânico. As operações vitais das criaturas vivas são atos segundos.*

O que se deve entender com a expressão “um corpo físico organizado?” Leiamos o que o próprio Santo Tomás explica:

Deve-se dizer que, assim como a forma não advém à matéria sem que esta esteja preparada mediante as devidas disposições, assim também, quando estas desaparecem, a forma não pode permanecer em tal matéria. Deste modo desaparece a união da alma com o corpo, se removido o calor, a umidade natural e outras coisas do tipo, mediante as quais o corpo estava predisposto para receber a alma. Por isso essas propriedades são meios entre a alma e o corpo enquanto disposições (*Questões disputadas sobre a alma*, q. 9, resp. ad 16).

Sobre um corpo físico organizado que tem a vida em potência: se entender que para receber a alma, o corpo deve estar minimamente organizado do ponto de vista orgânico. Isso feito, a alma pode se unir a esse corpo e movê-lo ou atualizá-lo. Para compreender, sugiro um exemplo que eu gosto de dar sempre, que é o da união entre o óvulo da mãe e o *espermatozóide* do pai (*sêmem* na linguagem de Santo Tomás). No que tange a vida humana, a menina, a moça, a donzela, por ser moça, por ser mulher, tem um “corpo

físico organizado que tem a vida em potência” em seu útero, não é ato ainda. A matéria, ou seja, o útero da menina está em potência, organizado, preparado para receber a vida. Do mesmo modo, o espermatozóide ou sêmen do rapaz. Quando essas duas realidades se unem - óvulo e espermatozóide - temos o zigoto, e então recebe a infusão de uma nova forma, um novo ato; portanto, é gerada uma nova vida, um novo ser vivo. *O zigoto ou embrião vive como um ente humano.* Só haverá vida, portanto, após esse “ato primeiro”, que é a alma. O princípio da vida.³⁰⁷

Além disso, Santo Tomás, se apoiando na revelação, conhece algo distante do mundo de Aristóteles, sabe perfeitamente qual a origem e o destino da alma humana. Tem ciência de que é Deus quem infunde e cria a alma humana.³⁰⁸ Logo, enquanto o “corpo

307. Não entraremos aqui na discussão sobre *em que* momento é infundida a alma racional no embrião. Embora, para tal aprofundamento e discussão, indicamos a leitura da obra “*A alma do embrião humano*” do Pe. Luiz Carlos Lodi, publicado pela editora do CDB.

308. “A alma racional não pode ser produzida senão por criação, o que não é verdade das outras formas. E a razão é que, como o devir é via para o ser, a um ente convém o devir na mesma medida em que lhe convém o ser. Ora, propriamente, considera-se como sendo aquilo que tem o ser em si mesmo, e como subsistente nele, Por onde, só as substâncias são, própria e verdadeiramente, consideradas entes. Ao passo que o acidente não tem o ser, mas faz com que alguma coisa seja e, por isso, se chame ente; assim, a brancura chama-se ente porque faz alguma coisa ser branca. E por isso Aristóteles diz que o acidente é considerado mais como dependência do ente, do que ente. E o mesmo fundamento têm todas as outras formas não subsistentes. E, portanto, a nenhuma forma não subsistente convém, propriamente, o devir; mas se consideram como devindo, porque os seres compostos subsistentes devêm. Ora, a alma racional é uma forma subsistente, como antes já se estabeleceu; e por isso, propriamente, lhe convém o ser e o devir. E como não pode ser feita de matéria preexistente corpórea, porque então seria de natureza corpórea; nem espiritual, porque então as substâncias espirituais se transmutariam umas nas outras, necessário é concluir que a alma só pode devir por criação” (ST, I, q. 90, a. 1, resp).



físico organizado que tem a vida em potência” ainda não receber uma nova forma (*anima, actus primus*) infundida por Deus, ali, aquela vida não existe ainda.

No ente humano, esta forma se une ao corpo de modo espiritual, imaterial. A forma humana, este ato primeiro que nós recebemos, que define a nossa matéria, não é uma forma que se limita a operações materiais somente, físicas, nem vegetativas apenas, mas é uma forma que possui em si uma vida espiritual, como eu já falava antes. *A forma substancial* do homem, que é um certo princípio de operação intelectual, que é ato do homem, ou seja, que realiza o ser do homem, é incorpórea, imaterial, incorruptível e subsistente sem a matéria.



Conclusão

A teoria da alma *aristotélica-tomista* fundamenta uma concepção do homem que praticamente foi esquecida na era moderna e negada conscientemente em nossa era contemporânea,³⁰⁹ pois estamos em tempos em que se faz “*psicologia sem alma*”. Fala-se abundantemente das capacidades e habilidades, fenômenos, das ações, dos costumes e das escolhas, e daquilo que cada um diz ou define para si mesmo. Mas, há um esquecimento proposital daquilo que é substancial no homem e que o define enquanto tal. Por outro lado, em via de regra, quase todas as correntes modernas de psicologia apelam para uma autoprojção subjetiva da natureza humana.

309. Pois a psicologia não estuda mais a alma. Nomes foram trocados e hoje se estuda tudo: comportamentos, cognição, doenças mentais, partes remotas e incertas do cérebro, mas a alma foi deixada de lado – para que a ciência, ou um ideal dela, fosse concretizado.

De modo geral, temos uma antropologia voluntarista. Na prática, as consequências são terríveis. Pois, pela razão de não se atribuir ou predicar uma natureza específica ao homem, vende-se a falsa ideia de que o homem pode *“ser o que ele quiser”*. Ora, se *“o obrar segue o ser”* - segundo perene adágio latino - e se o homem é o que ele quer ser, porque ele não pode agir conforme o que ele pensa ser? Se ele pensa ser um Anjo, porque não deixar ele agir como um Anjo? Com inteligência intuitiva, vontade firme. Se pensa ser Deus, porque corrigi-lo, afirmando ser uma loucura ou no mínimo uma soberba essa afirmação? Deixemos ele criar todas as coisas, todas as verdades, medir o bem e mal, estar *“acima do bem e do mal”*, pois é Deus! Além disso - o que é mais importante - se ele pensa ser um Leão ou um Cão, qual o problema se ele agir como tal? Permitamos que ele viva como um animal irracional, buscando o que dá prazer, e fugindo do que causa dor. Ora, esse é o princípio da moralidade animal: *“busca o que dá prazer, foge do que causa dor”*. Todavia, notem bem o seguinte: será preciso extinguir as honras e as punições, xingamentos e acusações. Ninguém poderá - se defende que não há uma alma humana racional - na prática, acusá-lo de *“escroto”, “macho opressor”, “imoral”, “sem modos”, “animal”, “sem empatia”* ou *“sem espírito de sacrifício”*. Não, não podemos puni-lo. Pois ele é isso. Isso que quer ser. Eis a sua condição, a condição humana que ele projeta para si mesmo!

E assim eu te pergunto, caro leitor, podemos levar a sério uma antropologia, uma psicologia, uma pedagogia, que nega que existe uma natureza humana, comum a todos seres humanos, que é racional, capaz de conhecer a verdade e o bem para além da ordem sensível e animal?

O que pensar de um *psicólogo*, de um *pedagogo* ou de um *educador* qualquer que não saiba com certeza da natureza do homem que chega até ele, sofrendo ou buscando educação? Muitas vezes, sofrendo justamente porque foi *“doutrinado”* a pensar que ele poderia *“ser o que quisesse”*, que poderia *“projetar uma essência para*



si". Com o que o psicólogo está a conversar ou a educar? É essencial conhecer a natureza do homem. É preciso que esse educador saiba porque o homem é, se move, sente, apetece, lembra, imagina, sonha, escolhe e conhece. Mas como ter essa consciência necessária a todo bom "cuidador de almas" - para utilizar a linguagem do grande Sócrates - sem saber o fundamento ontológico dessas obras e desse modo de ser? Sem saber que é a alma o fundamento ontológico dessas operações? É preciso conhecer o corpo, mas, sobretudo, a alma. Pois é a alma que define, atualiza e move o corpo. É a alma que é o sujeito das potências e capacidades que movem a vida humana. Se isso não acontece, algo muito comum em nossos dias, vemos um cego guiando outro cego.

Entendemos profundamente que a *Psicologia Tomista* é capaz de nos dar uma valiosa contribuição para a restauração das "vistas", das inteligências e dos corações daqueles que deveriam "ver" para poder guiar aqueles que não veem: psicólogos, pedagogos, pais, sacerdotes e etc.

É preciso estudar a ontologia da alma humana. A psicologia contemporânea não sabe o que é a alma, por isso não sabe o que é o homem. Logo, nem sabe como curar e educar esse mesmo homem, em seus mais variados vícios e desordens. Fala-se tanto em assassinatos, homicídios, suicídios, feminicídios, guerras, traições, egoísmos, explorações e opressões. Sim, porém, como mudar isso? Como levar o homem para longe dessas desordens? Como tornar o homem bom? Fazendo ele viver conforme aquilo que determina sua forma, ou seja, sua alma. Por isso, em nosso mundo desordenado e invertido, o primeiro passo é ensinar a ele qual é a sua natureza e qual é seu fim. Depois ensina-se o amor a essa natureza e esse fim.

O homem só pode ser bom se estiver adequado à verdade, sobretudo - por ter essa capacidade - a verdade de si mesmo. Essa adequação depende necessariamente da perfeita compreensão da

sua alma, e da relação desta com seu corpo. Dado que é a partir da alma que se dá o movimento da vida humana e é nela que estão postas todas as potências humanas, como em seu sujeito.

Nossa pesquisa chega a um ponto de conclusão. Depois de termos nos debruçado sobre as três definições da alma que encontramos em Aristóteles e Santo Tomás, percebemos categoricamente que afirmar que a alma é 1) princípio, 2) forma substancial, e 3) ato primeiro, significa que ela é aquela realidade mais importante na ordem da vida, sem a qual não é possível compreendermos bem a psicologia, mas também a biologia. Significa dizer que é por causa dela que o ente vivo é, se move, conhece, possui uma ordem substancial, uma identidade profunda.

Do ponto de vista prático, após entender o que é a alma, em um estudo mais aprofundado, o estudante de *Psicologia Tomista* terá condições de entender, de fato, porque agimos, pois saberá que o “*obrar segue o ser*”. Isto é, nossas ações seguem certa ordem de potências, capacidades, que estão radicadas na alma.

Por fim, concluímos este nosso trabalho com uma citação do *De anima* de Aristóteles, que expressa de maneira apropriada o que foi apresentado ao longo do artigo:

A alma é causa e princípio do corpo que vive. Mas estas coisas se dizem de muitos modos, e a alma é similarmente causa conforme três modos definidos, pois a alma é de onde e em vista de que parte esse movimento, sendo ainda causa como substância dos corpos animados. Ora, que causa como substância, é claro. Pois, para todas as coisas, a causa de ser é a substância, o ser para os que vivem é o viver, e disto a alma é causa e princípio. Além do mais, a atualidade é uma determinação do que é em potência. É evidente também que a alma é causa em vista de algo; pois, assim como o intelecto produz em vista de algo, da mesma maneira também a natureza o faz, e este algo é seu fim (*De anima*, 415 b15).



Nosso desejo é que as inteligências, após compreenderem essa doutrina, saibam qual é o seu bem e seu valor para a atualidade da psicologia e da antropologia. Não somente, desejamos que ela seja estendida para uma aplicação concreta e prática, na vida moral. E que, após compreendidos esses princípios, seguindo a larga tradição esquecida por grande parte dos acadêmicos, saibam amar tão grande bem a ponto de transmiti-lo a outros, por meio do ensino e do exemplo de adequação de sua inteligência, de sua vontade e de suas vidas, a realidade aqui estudada.

REFERÊNCIAS

- ABREU, R. **Introdução à psicoterapia tomista**. Editora Domine. Osasco: 2023.
- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.
- ARISTÓTELES. **Sobre a alma**. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2010.
- BITTAR, E. **Curso de filosofia Aristotélica: leitura e interpretação do pensamento aristotélico**. Editora Manole. Barueri: 2003.
- BRENNAN, R. **Psicologia Tomista**. Madrid: Javier Maratá, 1930.
- ECHAVARRÍA, M. **A práxis da psicologia e seus níveis epistemológicos segundo Santo Tomás de Aquino**. Editora: CBD, 2021.
- GARDEIL, H.D. **Iniciação à Filosofia de Santo Tomás de Aquino. Volume II: Psicologia, Metafísica**. São Paulo: Paulus, 2013.
- HUGON, E. **Os princípios da filosofia de Santo Tomás de Aquino: 24 teses tomistas**. Porto Alegre: 1998.
- KALINOWSKI, W. **O intelecto e as virtudes intelectuais especulativas em Santo Tomás de Aquino**. Dissertação de mestrado. Pelotas: 2021.
- LAMARTINE DE HOLANDA. **Contribuições da psicologia tomista ao**

estudo da plasticidade do ethos / Lamartine de Hollanda Cavalcanti Neto. -- São Paulo: Centro Universitário São Camilo, 2012.

LAMAS, F. A. **El hombre y su conducta**. Buenos Aires: Instituto de Estudios Filosóficos "Santo Tomás de Aquino", 2013.

NASCIMENTO, C. **Um mestre no ofício: Tomás de Aquino**. São Paulo: Paulus, 2011.

MESQUITA, A. P. **Introdução geral**. Lisboa: 2005.

OS PENSADORES. **Platão – Vida e Obra**. São Paulo: Ed. Nova Cultural, 1996.

STREFLING, S. R. A pessoa humana enquanto consciência e liberdade em Tomás de Aquino. **Revista Dissertatio**. n. 51, 2020, pp. 183-204.

TOMÁS DE AQUINO. **O Ser a Essência**. Tradução e notas explicativas de Pe. Aldo Sérgio Lorenzoni. Pelotas: EDUCAT, 2016.

_____. **Questiones disputatae de Anima**. In Site:corpusthomicum. <https://www.corpusthomicum.org/iopera.html#QD> .

_____. **Questiones disputatae de Malo**. In Site:corpusthomicum. <https://www.corpusthomicum.org/iopera.html#QD> .

_____. **Quaestiones disputatae de Malo**. Opera omnia. Roma: Leonina, 1982.

_____. **Sobre o Mal (De Malo)**. Rio de Janeiro: Sétimo Selo, 2005.

_____. **Questiones disputatae de Veritate**. In Site:corpusthomicum. <https://www.corpusthomicum.org/iopera.html#QD> .

_____. **Quaestiones disputatae de Veritate**. Opera omnia. Roma: Leonina, 1972.

_____. **Suma Teológica**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

_____. **Suma Teológica. Tradução de Alexandre Correia**. Campinas: Ecclesiae, 2016.

VERNAUX, R. **Filosofia do homem**. São Paulo: Duas Cidades, 1969.

Submetido em: **06/12/2023**

Aprovado em: **20/12/2023**